

A LESTE ALGO DE NOVO

Tiago Marques

Cinco de Abril de 2002. Fim de tarde. Ano e meio após a minha primeira visita à Estónia, sinto-me finalmente em casa. Adoptei Tallinn como minha, ao mesmo tempo que por lá nascia a minha filha. Arranjam-nos um quarto privado com vista sobre a cidade, *free of charge*. Abundam flores e pequenas mordomias hospitalares. Em Portugal, saberia que estava num hospital particular e que à saída seria presenteado com uma choruda conta pelos serviços prestados. Ali, encontrávamo-nos num simples hospital do Estado. Tentei não pensar na crise demográfica que afecta o país e que poderá ter contribuído para um certo redobrar de esforços por parte das autoridades estónias. Cheguei a Tallinn nos primeiros dias do novo milénio, como um simples turista. Quase quatro anos passados, é uma nova Estónia que se dá a conhecer ao mundo. Mais cosmopolita e menos fechada sobre si própria, mas ainda algo egocêntrica e por demais atomizada. Um país que soube aproveitar a liberdade antes perdida e reconquistada com mérito próprio, mas que esquece alguns dos seus em detrimento do novel *self-made man* do Báltico.

Onde a ténue linha que separa o sucesso da irrelevância é muitas vezes difícil de discernir. É a *e-Estonia*, o paraíso das novas tecnologias que tanto orgulha os locais, que permite dispensar o papel e caneta nas reuniões do Conselho de Ministros, já há muito substituídos por mini-ecrãs de plasma e teclados sem fios. E onde se pode comprar um bilhete de autocarro ou pagar o parquímetro através do envio de um simples SMS.

EM BUSCA DE IDENTIDADE PRÓPRIA

A região do Báltico sempre foi uma área de passagem de variados povos e culturas. O pedaço de terra a que hoje se chama Estónia não foi excepção a tal regra. Por lá passaram dinamarqueses, suecos, alemães e russos, cada qual deixando marcas atrás de si. Os representantes da nobreza e alta burguesia, quase sempre exteriores à região, sobrepunham-se com alguma facilidade à população local. Apenas o fim do regime feudal na segunda metade do século XIX permitiu o despertar da nação estónia, impulsionado pela pequena burguesia instalada a sul, e constituída sobretudo por pequenos comerciantes e camponeses

recém-emancipados. Pouco a pouco, os necessários mitos nacionais foram criados, e a língua estónia passou a ser patrocinada por algumas camadas do clero luterano e pela emergente *intelligentsia* académica. No entanto, apenas o pós-guerra 1914-1918 permitiu a real emancipação da nação, nascendo assim a primeira república independente da Estónia, que duraria vinte e dois longos anos, brutalmente interrompidos pelo pacto de Molotov-Ribbentrop. O país fractura-se, amigos e famílias separam-se, uns lutando ao lado das brigadas alemãs, outros junto do Exército Vermelho, alguns escolhendo a vã luta pela independência. A vitória soviética traz consigo os mais negros anos da história contemporânea da pequena nação báltica. A deportação de milhares para os longínquos *gulags* da Sibéria dobra corpos e almas daqueles que julgavam ser possível chegar a um compromisso para a preservação da cultura e do povo estónio. Estaline não morre de amores pelo Báltico, sobretudo pelos estónios, recorrentemente acusados de colaboração com o regime nazi. Krustchev faz um *mea culpa* envergonhado e sem convicção. No final do consulado Brejnev, já os estónios recuperavam a dignidade perdida.

GOOD BYE LENIN!

Para todos aqueles que nasceram durante a década de 70, e que acordaram para a vida no decénio seguinte, a República Soviética da Estónia era sobretudo um local onde facilmente coabitavam sentimentos de resignação mas também de alguma esperança.

«Sim, é verdade, não havia muito por onde escolher nas lojas, não podíamos viajar

fora do largo perímetro da URSS, não éramos realmente livres, mas lembro-me de ser feliz.» No ecrã passa um filme alemão que nos remete para uma fábula sobre a ex-RDA, a queda do muro de Berlim, conflito de gerações, uma comédia de tom sério. Os legumes enlatados *Made in DDR*, os jovens pioneiros de meia alta que cantam os últimos sucessos comunistas, os noticiários televisivos em tom paternal. A Kai tem quase trinta anos, é apolítica, e nasceu poucos dias antes da revolução portuguesa de Abril. É estónia mas nasceu cidadã da União Soviética. Vê Daniel Brühl na película e identifica-se com a personagem. É sem dúvida um caso de *Ostalgie*, versão báltica.

A meio da década de oitenta, começa-se a adivinhar a mudança. Tallinn sintoniza a televisão finlandesa. Com Helsínquia a uns míseros oitenta quilómetros de distância, tal nunca foi problema para os habitantes da capital. De nada valeu a tentativa das autoridades soviéticas em provocar interferências nas emissões para que a visualização dos canais deixasse de ser possível. Apesar de tudo, conseguiram-no. O problema é que nem os finlandeses conseguiam ver os seus próprios canais. *Job well done!* Protestos diplomáticos. A URSS desiste. A República Soviética da Estónia continua a ser uma privilegiada em termos de acesso a *mass media* independentes.

Gorbatchov parece decidido a mudar algo. Talvez não saiba bem o quê, nem como o fazer. Na Estónia pensa-se em fazer história. Sai-se à rua e recupera-se a germânica tradição dos cantares populares. É a *singing revolution*, uma ode à nação que reúne

milhares por todo o país. O Muro cai. A multidão do Báltico dá as mãos, uma corrente humana de milhões que une Tallinn a Vilnius, com passagem por Riga. Golpe em Moscovo. A Estónia declara a independência. As tropas russas ainda estão no país. Barricadas nas estradas, a população sai à rua. Não há derramamento de sangue. Conta-se que, de partida do país, os militares russos carregam consigo o que podem. Carros, sobretudo carros que rebocam das ruas para levar para a Rússia. Perder um Lada é um preço pequeno a pagar pela reconquista da liberdade perdida.

O 11 DE SETEMBRO VISTO DO BÁLTICO

Naquele fim de Verão de 2001 encontro-me no Báltico. Estou em Tartu, no Sul do país, a capital cultural e universitária da Estónia. Toca o meu telemóvel. Um amigo de Portugal grita-me ao ouvido. «Estás a ver na televisão?» Em menos de cinco minutos sei tudo o que se está a passar. Desligamos. Conto à minha mulher, ainda meio atordoado com o que ouvi. «Sim, ouvi qualquer coisa sobre isso há pouco na rádio, parece que um avião bateu num arranha-céus em Nova Iorque.» E então? Corro para a televisão. Nada. Tudo normal. Não apanhamos os canais finlandeses, estamos demasiado a sul, e não temos TV por cabo. A Ocidente o mundo fervilha. Por aqui vai-se andando. Estamos na época da apanha dos cogumelos, está um dia lindo de sol lá fora e a vida continua. Finalmente, o noticiário das 18 horas! Vemos as imagens terríveis vindas dos EUA. Entra em directo o correspondente em Nova Iorque. Quinze minutos. Termi-

nou. Fala-se agora da terrível tragédia em Pärnu. Dezenas de pessoas terão morrido ao ingerir álcool de fabrico caseiro misturado com produtos tóxicos. É o 11 de Setembro da Estónia. Fim do noticiário. A programação segue, continua a ser um dia normal. Pegamos no jornal, vemos o que há para ver no cinema. Acabamos o dia com *O Diário de Bridget Jones*.

O REALINHAMENTO COM A VELHA EUROPA

Para comemorar a entrada do país na União Europeia, os estónios optaram pelo simbolismo em detrimento do espectáculo mediático. Plantando um milhão de árvores, e bem longe das câmaras de TV, procuraram fazer a demonstração de que o enraizamento da nação junto da comunidade europeia alargada será algo que vai para além do cumprimento de formais objectivos sócio-económicos. Mais que a galinha dos ovos de ouro, a Europa significa também a oportunidade de poder ignorar Moscovo, o seu poderoso vizinho e com o qual praticamente não têm relações comerciais. Ironicamente, a União Europeia (UE) espera poder contar com a ajuda dos bálticos no desenvolvimento e consolidação dos acordos de parceria com a sempre imprevisível Rússia de Putin, sendo certo que a permanência de uma certa e inflamada retórica antiBáltico por parte de representantes dos siloviki do clã de São Petersburgo se mantenha como um obstáculo a tais pretensões.

Ao mesmo tempo, a identificação com o velho continente permite também destacar o país dos outros dois bálticos, Letónia e Lituânia. Mesmo durante o período soviético, a Estónia era vista como o

parente rico de Riga e Vilnius. A sobranceira de Tallinn seria mais aparente que real, mas o facto é que ainda hoje a Estónia passa por ser um pequeno apêndice das vizinhas nações escandinavas. É com a Finlândia e a Suécia que o país mantém os laços comerciais e culturais mais importantes. Apesar disso, a história de amor já não é o que era. A Finlândia e a Suécia, sobretudo esta última, mostraram o seu desapontamento pela quebra da neutralidade de Tallinn, consumada com a entrada do país na NATO. Mas é sobretudo a política económica seguida pela Estónia que mais incomoda os seus vizinhos do Norte. A aplicação da doutrina liberal de centro-direita tem sido a norma, e a aplicação de baixos impostos ou o reenca-minhamento dos mesmos para investimentos em actividades especulativas tem sido regra. Não surpreendeu por isso ouvir Goran Persson, primeiro-ministro sueco, afirmar que, com a entrada da Estónia na UE, não estaria disposto a financiar o enriquecimento da classe empresarial estónia *tax free* através das generosas contribuições tributárias do cidadão sueco. A verdade é que o país continua com um crescimento económico invejável, com uma taxa de crescimento do PIB na ordem dos 5 por cento ao ano, e que muito deve à agressiva política de privatizações levada a cabo desde o início da década de 90. A história de sucesso da pequena nação báltica há muito que faz eco nos corredores de Bruxelas, tendo Tallinn passado a ser uma das «preferidas» dos eurocratas locais – Gunter Verheugen que o diga. Há no entanto um preço a pagar. Com uma taxa de desemprego oficial a rondar

os 10 por cento (a maioria dos analistas defende que o número peca por escasso), a Estónia é cada vez mais um país a duas velocidades. Embragados pelo sucesso da capital e pelo *boom* cultural da sulista Tartu, a burocracia nacional prefere olhar para o lado quando confrontada com a recessão no mundo rural, sempre acompanhada pela persistente crise demográfica que afecta toda a nação. Com um salário médio que não chega a atingir os 400 euros, e significativamente menos fora dos centros urbanos, parece tornar-se cada vez mais difícil fazer com que o país cresça de uma forma sustentada, isto sem que hajam custos sociais potencialmente elevados a cobrar. O fenómeno da toxicodependência atinge já proporções preocupantes, assim como a percentagem de indivíduos infectados com o HIV, consequência sobretudo do consumo de drogas duras como a heroína. Vive-se muito depressa na Estónia.

A NOVA TERCEIRA VIA

Dramas sociais à parte, a Estónia do século XXI continua a servir de exemplo para vastos credos políticos e económicos por essa Europa fora. Se para aqueles que fazem profissão de fé na importância do Estado liberal, não interventivo na ordem do mercado – *vide* Vladimir Spidla, Silvio Berlusconi ou o «defunto» José Maria Aznar –, a Estónia representa um *case study* digno de ser apreciado, para outros o sucesso desta pequena república báltica significa que fazer parte da periferia continental não terá necessariamente que funcionar como *handicap*. Tirando partido de uma mão-de-obra extremamente qualificada e especia-

lizada, e apostando num modelo económico que tem como base de suporte sectores complementares como a indústria de alta tecnologia e a pesquisa científica a ela associada, a Estónia procura merecer o epíteto de nação modelo, patenteando o risco como forma de progresso quer económico, quer social. Tendo optado em consciência pelo *outsourcing* de parte da sua

política externa e militar via UE e NATO, Tallinn procurará doravante demonstrar que um Estado liberal de sucesso não implicará um dramático desmantelamento das necessárias políticas sociais. Será porventura o nascimento da terceira via do liberalismo europeu, feito sob o olhar atento do Estado-providência dos seus primos escandinavos... **RM**